

ONCOLOGIA INTEGRATIVA: REIKI COMO TÉCNICA ENERGÉTICA PARA PACIENTES ONCOLÓGICOS SUBMETIDOS AO TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO*

Flávia Ribeiro **ALENCAR**

Gislaine Bezerra de **MOURA**

Heitor Soler **SANTIAGO**

Nathan Jones Fornazi **MARINHO**

Núbia Donda Ribeiro da **SILVA****

Maristela Ribeiro da **SILVA*****

RESUMO: O Reiki constitui-se de uma técnica milenar de cura, estabelecida na Oncologia Integrativa, a qual faz uso de práticas alternativas embasadas em evidências. A associação do Reiki às terapêuticas convencionais tem demonstrado melhora na qualidade de vida, de modo a potencializar as chances de cura, enquanto minimiza os efeitos decorrentes da quimioterapia. O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo é demonstrar os benefícios do Reiki como técnica energética para pacientes oncológicos submetidos ao tratamento quimioterápico.

PALAVRAS-CHAVE: Oncologia Integrativa. Reiki. Quimioterapia. Câncer. Práticas Integrativas e Complementares.

1 INTRODUÇÃO

A Oncologia Integrativa (OI) é uma área da Medicina Integrativa (MI) praticada sob evidências da medicina tradicional. É organizada a partir de cinco categorias Medicinais e Complementares (MAC) aplicadas em conjunto aos tratamentos

*Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Fisioterapia das Faculdades Integradas de Fernandópolis, SP.

**ALENCAR et al., Discentes do Curso de Fisioterapia das Faculdades Integradas de Fernandópolis, SP.

***SILVA; M. R., Orientadora, Fisioterapeuta, Especialista em Terapia Manual e Biopsicologia, Docente do Curso de Fisioterapia das Faculdades Integradas de Fernandópolis, SP.

tradicionais: cirúrgicos, quimioterápicos, radioterápicos e de terapia molecular (SIEGEL; BARROS, 2013).

Junto à uma equipe multidisciplinar, a Oncologia Integrativa defende a interdisciplinaridade. Essa visão contribui para reduzir as sequelas mentais, emocionais e físicas do tratamento oncológico, vez em que trata e visualiza o indivíduo em sua totalidade, com uma abordagem humanizada e individual. O Reiki faz parte das muitas técnicas incorporadas pela Oncologia Integrativa (LIMA, 2015).

O Reiki baseia-se em uma vertente holística, conceituada na importância da energia vital; é uma técnica de biocampo, utilizada com o intuito de corrigir desequilíbrios de forma não invasiva e de baixo custo, ficando raízes cada dia mais fortes no âmbito oncológico. É visto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma terapia alternativa e harmonizável com todas as terapias, por se tratar de uma energia não polarizada (CORDEIRO; SOUZA, 2014).

A quimioterapia tem como principal objetivo extinguir células malignas que constituem o tumor, atuando de maneira sistêmica e abrangente. Por consequência uma série de efeitos colaterais comprometedores e substancialmente desagradáveis são desencadeados; visto que os mais comumente relatados são quedas de cabelo, náuseas, vômito, perda de apetite, distensão, dor abdominal e refluxo (ROSADA et al., 2015).

Muitos pacientes buscam no Reiki uma alternativa complementar associada às terapêuticas convencionais. Uma vez que ameniza os efeitos indesejáveis da quimioterapia e maximiza as chances de recuperação, o mesmo tem se mostrado de grande valia para os cuidados oncológicos, atuando diretamente no processo de recuperação e cura (BEULKE et. al., 2019).

O presente artigo tem como objetivo demonstrar os benefícios do Reiki como técnica energética para pacientes oncológicos submetidos ao tratamento quimioterápico, como constituinte da Oncologia Integrativa, no reestabelecimento da saúde e na melhora da qualidade de vida dos pacientes acometidos pelos efeitos adversos da quimioterapia.

2 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com embasamento teórico obtido em bancos de dados científicos, tais como Scielo, Lilacs, PEDro e PubMed. Após criteriosa avaliação da literatura encontrada, foram selecionados materiais científicos datados entre os anos de 2011 e 2020. A revisão foi realizada durante os meses de janeiro de 2020 a março de 2021.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 ONCOLOGIA INTEGRATIVA

Câncer é o nome atribuído à um conjunto de mais de 100 doenças, que em sua singularidade possuem o crescimento desordenado de células invasoras de tecidos e órgãos. Essas células dividem-se de forma rápida e progressiva. Tendem a ser agressivas e de multiplicação incontrolável, com capacidade de extravasamento, podendo espalhar-se dos órgãos de origem para regiões distintas do corpo, ocasionando metástase (MOREIRA, 2017).

O câncer alcançou tamanha dimensão, a ponto de tornar-se um problema mundial de saúde pública, vez que se trata de uma das patologias de maior impacto socioeconômico. A Organização Mundial de Saúde (OMS), aponta um crescente número de novos casos, visto que em meados de 2030, haverá uma estimativa de 27 milhões de pessoas vivas portadoras da doença e cerca de 17 milhões de mortes anuais (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2019).

A Oncologia é a especialidade médica incumbida pelo estudo das neoplasias. É ela a responsável por estudar não somente a origem da formação do câncer e seu desenvolvimento no organismo, como a determinação dos possíveis métodos de tratamento adequados. Nas últimas décadas, passou a integrar-se com outras especialidades, a fim de buscar meios multidisciplinares de tratamento (TORRES, 2016).

No ano de 2000, o diretor da Unidade de Tratamento e Diagnóstico do Câncer do National Cancer Institute (NCI), abordou pela primeira vez o termo “Oncologia Integrativa”. A Oncologia Integrativa (OI) é uma vertente da Medicina Integrativa (MI), a qual faz uso de práticas embasadas em evidências, de maneira integrada e

complementar à medicina tradicional e seus métodos de tratamento (SMITH et. al. 2014).

A Oncologia Integrativa é subdividida e aplicada em cinco categorias de Medicina Alternativa e Complementar (MAC), que abordam técnicas capazes de acompanhar os tratamentos oncológicos convencionais como radioterapia, quimioterapia, terapia molecular e cirurgia. São elas: (1) Práticas Biológicas: fitoterápicos e outras; (2) Práticas Mente-Corpo: yoga, meditação e outras; (3) Práticas de Manipulação Corporal: reflexologia e outras; (4) Práticas Energéticas: Reiki e outras; (5) Práticas Tradicionais: medicina tradicional chinesa e ayurvédica (SIEGEL; BARROS, 2013).

A expansão da necessidade de uma indústria voltada ao bem-estar dos indivíduos acometidos por neoplasias, foram fatores que culminaram para o estabelecimento de centros de pesquisa oncológica voltados à oferta de um programa de tratamento integrativo. Atualmente, os Estados Unidos da América, possuem cerca de 36 serviços de saúde e clínicas especializadas atuantes na oncologia integrativa, ofertando um conjunto de terapias como Reiki, meditação e yoga (FRIEDRICH; UYEDA, 2019).

A Oncologia Integrativa expandiu-se pelo mundo, aumentando a sobrevivência dos pacientes, ao passo que culmina para o aprimoramento do processo de cura dos mesmos. Recentemente, cinco hospitais nacionais, referência em tratamento e pesquisa em oncologia, abriram alas especializadas em Medicina Integrativa dentro da temática oncológica. São eles: Israelita Albert Einstein, Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Sírio Libanês, Instituto Nacional de Câncer (INCA) e Instituto de Tratamento do Câncer Infantil (ITACI) da Universidade de São Paulo (USP) (ONCOGUIA, 2013).

Os tratamentos oncológicos, por diversas vezes, fazem uso de métodos extremamente invasivos e anatomicamente agressivos, contradizendo os quatro princípios básicos da bioética: beneficência, não maleficência, respeito à autonomia e à justiça. A Oncologia Integrativa abrange todos os princípios acima citados, e ainda visa a inclusão ao acesso e às informações de cada uma de suas terapias, bem como o respeito pelas bagagens culturais de cada indivíduo. O paciente deixa de ser visto como doente e passa a integrar o próprio processo de cura (TORRES, 2016).

É capaz de reunir profissionais de saúde de formações diversas, defendendo a interdisciplinaridade no cuidado do indivíduo. Associado ao tratamento da medicina convencional, atribui conhecimentos e técnicas complementares (yoga, fitoterápicos, reiki, pranayamas, meditação, biodanza, acupuntura), apoiando-se em evidências à par de sua segurança e eficácia. Seu objetivo é proporcionar momentos de relaxamento e bem-estar, com o intuito de reduzir as sequelas emocionais, físicas e mentais do tratamento oncológico, colocando em prática uma abordagem humanizada (LIMA, 2015).

O Sistema Único de Saúde (SUS), ainda não adotou teoricamente o processo da terapia oncológica integrativa em suas diretrizes. A Oncologia Integrativa, teria grande eficácia ao ser introduzida como uma extensão das Políticas Nacionais de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Outra possibilidade de aplicação, seria o Programa Nacional de Assistência à Dor e Cuidados Paliativos (Portaria GM/MS nº 19, de 3 de janeiro de 2002), cuja visão, é articular iniciativas voltadas à assistência de pacientes oncológicos em situação paliativa e dolorosa (FRIEDRICH; UYEDA, 2019).

3.2 TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO E SEUS EFEITOS

Doenças ocasionadas por mutações celulares como o câncer, exigem um tratamento longo, invasivo e consequências ímpares, baseados em métodos cirúrgicos, medicamentosos e químicos (SOUSA et. al., 2012).

A quimioterapia (QT) é o método de tratamento mais atribuído aos casos da patologia, sendo de caráter sistêmico não específico, apurado na combinação de agentes químicos, com o intuito de destruir as células cancerígenas. Por tratar-se de um meio não seletivo, assim como afeta as células malignas, pode afetar células saudáveis, ocasionando efeitos antagonistas. Seu maior objetivo é destruir ou neutralizar o crescimento, de maneira a evitar o reaparecimento das células neoplásicas (SMITH et. al. 2014).

Existem dezenas de agentes quimioterápicos com indicações específicas e efeitos colaterais próprios. O tratamento pode ter caráter curativo ou controlador. O tratamento curativo tem como finalidade eliminar a doença por completo; já o

tratamento de controle, busca uma regressão do câncer ou ao menos impedir que o mesmo atinja outros órgãos (KALIKS, 2011).

A quimioterapia geralmente é atribuída a outros tratamentos, como a cirurgia e a radioterapia. As técnicas de aplicação podem ser variadas e divididas de acordo com a utilização de cada um dos métodos, sendo elas: Curativa (uso exclusivo da quimioterapia); Adjuvante (quimioterapia pós-cirurgia); Neoadjuvante (quimioterapia pré-cirurgia) e Paliativa (quimioterapia indicada para melhorar a sobrevida, sem possibilidade de cura). A dosagem dos fármacos sofre alteração de acordo com a técnica escolhida (SILVA; SOUSA, 2015).

A administração da quimioterapia é realizada por enfermeiros especializados ou técnicos em enfermagem. Existem manejos diferentes de administrá-la: via oral, intravenosa, intramuscular, subcutânea, intracranial ou tópico. O modo de aplicação varia com a tipologia neoplásica e estágio (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2020).

Os efeitos colaterais da quimioterapia se estabelecem de acordo com os medicamentos utilizados em cada processo, das doses administradas e as particularidades de cada organismo. Alguns efeitos são comumente previsíveis, modificando sua intensidade de indivíduo para indivíduo; outros são provenientes de particularidades sensitivas, manifestando-se em pequenos números (KALIKS, 2011).

Os resultados provenientes da submissão ao tratamento quimioterápico são diversos e constantes. Podem apresentar caráter físico, emocional e psicológico. Os sintomas mais abordados pelos pacientes são principalmente a fadiga, dores, náuseas, depressão, ansiedade, estresse, neuropatia periférica, cicatrização deficiente, diarreia, lesões gastrintestinais e a mais temida pelas mulheres: a queda de cabelo (SOARES et. al., 2011).

As alterações não se limitam apenas às consequências geradas no corpo, como na autoestima do indivíduo, principalmente das mulheres que se submetem ao tratamento quimioterápico. A queda de cabelo pode ser parcial ou total, sendo o principal motivo para os índices de depressão e ansiedade na população feminina acometida pelo câncer. Uma ressalva importante, está ligada ao fato de que ao final do tratamento, os efeitos colaterais deixam de existir e o reestabelecimento da saúde

é retomado; sobretudo, as sequelas permanecem no corpo, na mente e no coração, mesmo diante da remissão (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018).

3.3 ABORDAGEM SOBRE REIKI E PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES (PICs)

O Reiki é uma técnica milenar com comprovação científica, oriunda do Japão, definida como prática de cura aplicada através da imposição de mãos nas superfícies ou proximidades do corpo. É capaz de transmitir a energia universal cósmica, causando um quadro homeostático e equilíbrio energético sistemático em todo o corpo daquele que o recebe, como corrobora a imagem abaixo (VIEIRA, 2017).



Imagem 1: Energia Vital
Fonte: Núcleo Corpo e Alma, 2017.

Foi redescoberto no final do século XIX, por Dr. Mikao Usui, um monge cristão e entusiasta que buscava uma forma de compreender os métodos de cura utilizados por Jesus descritos nos achados bíblicos. Usui passou 21 dias no topo de um Monte meditando, rezando, cantando e jejuando, a fim de buscar respostas. Foi ao final desse período e de todas as experiências que acumulou, que o Reiki passou a ser estabelecido por Usui em suas mais diversas vibrações (FERREIRA, 2018).

O Reiki contempla uma energia universal, com frequência abrangente, curadora e vital. Sua finalidade está na doação do amor incondicional. Sem a

existência desse sentimento, a capacidade de curar não se estabelece, visto que o mesmo, apenas possui funcionalidade, no momento que existe a vontade de doar e receber (MAGALHÃES, 2015).

Não se deve atribuir ao Reiki um caráter religioso; mesmo que possua um contexto energético não compreende um sistema filosófico, tabus, restrições ou estigmas. Não se faz necessário uma crença específica, vez que ele compreende todas as religiões, ao passo em que não se adere à nenhuma. Ao realizar a técnica, o reikiano está crédulo de suas crenças próprias, cultura e raça (MAGRI et. al., 2017).

O ser humano possui centros energéticos denominados como Chakras; esses vórtices são responsáveis por receber toda energia captada pelo corpo e distribuí-la para todos os segmentos por meio dos hormônios liberados por glândulas correspondentes. São ao todo sete centros de força principais constituintes de uma extensa rede de pontos sutis de energia paralelos aos nervos corporais, sendo esses, pontos de dispersão para todo o restante do corpo, incluindo órgãos e tecidos. Dessa forma, influi no corpo físico, energético e mental e auxilia no processo de cura, como evidencia a figura abaixo (FREITAG; ANDRAD; BADKE, 2015).



Imagem 2: Os Sete Chakras.
Fonte: Sopro Verde, 2019.

O Ministério da Saúde estabeleceu em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS. Essa atitude possibilitou o fortalecimento do próprio sistema ao atuar nos três níveis de atenção à saúde, seja para promoção, prevenção, manutenção ou recuperação, visando o modelo de humanização e integralidade de cada indivíduo (SPEZZIA; SPEZZIA, 2018).

A técnica milenar do Reiki, foi implantada oficialmente no Diário da União (Portaria nº 849) no dia 27 de março de 2017, juntamente com outras demais. A implementação, abordou o Reiki como uma Prática Integrativa na Tabela de Procedimentos e Serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), na categoria de “ações de promoção e prevenção de saúde”. Desde então, não somente o Reiki, como todas as PIC estão ganhando legitimidade institucional, força e constante efetivação (TELESI JÚNIOR, 2016).

As Práticas Integrativas e Complementares (PIC) se baseiam em sistemas médicos tradicionais, construídos sob o modelo holístico, cujo objetivo de tratamento é induzir um estado de equilíbrio e harmonização sistêmica dos corpos. Neste contexto, a saúde é entendida como um fluxo de energia, que quando desequilibrada, funciona erroneamente. As disfunções provocadas são entendidas como efeitos negativos de atitudes, maus hábitos e as emoções resultantes (DACAL; SILVA, 2018).

No âmbito nacional, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são denominadas, segundo o Ministério da Saúde como Medicina Tradicional Alternativa e Complementar (MAC). Ao fazer uso das práticas, torna-se perfeitamente viável tratar o indivíduo em sua integralidade, buscando não somente a causa central da patologia, como os fatores que a ocasionam. As PICS, visam dessa maneira, acolher o sujeito, valorizando sua singularidade e subjetividade por meio de uma postura autoeducativa nos três níveis de saúde: primário, secundário e terciário (SPEZZIA; SPEZZIA; 2018).

O National Center for Complementary and Alternative Medicine (NCCAM), fundado em 1998, define a aplicabilidade e a segurança das intervenções e práticas integrativas e complementares. O NCCAM classifica as PIC em cinco diferentes categorias: (1) terapias mente-corpo, (2) terapias com base biológica, (3) terapias corporais de tratamento físico, (4) terapias energéticas e vibracionais, (5) terapias de

sistemas medicinais. O Reiki, enquadra-se na quarta categoria, uma vez que abrange o cuidado da saúde vibracional e energética do indivíduo (VANNUCCI, 2017).

Desde a implementação de novas técnicas em 2018, a procura pelas PIC aumentou 46%, evidenciando a adoção e fortificação do SUS. Enquanto prática no contexto da área da saúde, o Reiki tem se solidificado, promovendo uma expansão em toda a rede de saúde mundial. A comunidade médica tem aberto espaço para sua incorporação dentro da conduta terapêutica, seja associado aos métodos convencionais de tratamento, seja ele de forma única e integral (BEULKE et. al., 2019).

3.4 REIKI NO TRATAMENTO DOS EFEITOS SECUNDÁRIOS DA QUIMIOTERAPIA

Ao deparar-se com a gravidade de sua doença, comumente, os pacientes buscam suporte físico e emocional de formas diversas, na esperança de alcançarem a cura por meio de tratamento alopático. Ocorre, que esses métodos desencadeiam uma gama de efeitos adversos desagradáveis (TELESI JUNIOR, 2016).

Os mais diversos efeitos estão atribuídos ao diagnóstico do câncer como a ansiedade, depressão, estresse e medo da morte. Além disso, o paciente submetido ao tratamento quimioterápico precisa conviver com os sintomas ocasionados por ele como dores, náuseas, vômitos, fadiga, diarreia ou constipação, mucosites, ressecamento de pele e queda de cabelo (GUIMARÃES et al., 2020).

Por se tratar de uma técnica não seletiva, implica no impacto direto na vida dos pacientes oncológicos. Visando minimizar os efeitos da quimioterapia, muitos pacientes buscam as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs), a fim de melhorar sua qualidade de vida e intensificar os resultados da terapêutica convencional (BEULKE et. al., 2019).

O Reiki é uma das técnicas de cura mais antigas conhecidas pela humanidade. Possui a capacidade de reequilibrar o corpo de maneira global, reforça o sistema imunológico e aumenta o funcionamento de glândulas essenciais, capazes de produzir e liberar neurotransmissores importantíssimos para a regulação das dores do paciente oncológico, controle emocional e bom funcionamento dos sistemas através da energia que flui por meio das mãos (GOHARA et al., 2013).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a capacidade do Reiki em potencializar os efeitos benéficos dos métodos convencionais de tratamento voltados ao combate do câncer, maximizando as chances de recuperação dos pacientes. A singularidade e as propriedades curativas da terapia, é uma prática antiga e muito bem fundamentada. Também utilizada como coadjuvante nos tratamentos de saúde como complemento de diversos transtornos, distúrbios e suas consequências (GUIMARÃES, et al. 2020).

Além de ser um vantajoso auxílio na diminuição da dor, o Reiki contribui no alívio dos sintomas ocasionados pela quimioterapia, possibilitando reequilíbrio físico e mental do paciente. A técnica milenar, harmoniza o indivíduo de acordo com as necessidades de sua doença e tratamento, promovendo a cura de seus sistemas e a melhora da qualidade de vida enquanto passa pelo quadro algico (FREITAG; ANDRADE; BADKE, 2015).

O Reiki tem o potencial de otimizar os resultados dos tratamentos convencionais, podendo ser pertinente até mesmo no cuidado paliativo, vez que reduz a sintomatologia, aumenta a qualidade de vida e melhora as estratégias de cooperação. O constante aumento do bem-estar, induzido pela redução da severidade dos sintomas pode reforçar as habilidades, gerando uma contínua condição de melhora. É importante salientar que não se evidencia efeitos adversos em função do tratamento com o Reiki (MAGALHÃES, 2012).

Pacientes oncológicos submetidos à quimioterapia, comumente relatam ansiedade, insônia, dores constantes e desconfortos temporários. O Reiki, atua de modo complementar no câncer, ajudando na melhora de todos estes sintomas e dos efeitos secundários da quimioterapia, promovendo bem-estar, tranquilidade e paz interior. Outro ponto positivo está ligado ao fato de que a energia transmitida pelo Reiki, restaura e suaviza a mente, desprendendo-a dos problemas e questões que a acompanham, em especial o estresse emocional causado pelo impacto da patologia (SPEZZIA; SPEZZIA, 2018).

O Reiki possui cunho importante aos pacientes oncológicos, seja de forma isolada ou aliada ao tratamento farmacológico. É perfeitamente capaz de promover bem-estar, relaxamento e tranquilidade ao paciente. Contribui substancialmente para o alívio das enfermidades e apoia o indivíduo no enfrentamento da transição contínua

e diária do câncer; o Reiki o ajuda a conviver, sobreviver e vencer o câncer (MAGRI et. Al., 2017).

4 DISCUSSÃO

De acordo com pesquisas realizadas por Demir et al. (2015), o Reiki apresentou efeitos benéficos no tratamento dos sinais e sintomas biopsicoemocionais oriundos da quimioterapia. O mesmo avaliou o efeito do Reiki a distância por trinta minutos sobre os sintomas de fadiga, dor e estresse em pacientes internados em unidades oncológicas, recebendo tratamento quimioterápico.

Para Guimarães et al. (2020), em um contexto geral, os benefícios alcançados com a utilização do Reiki aliado a tratamentos oncológico, são inúmeros. Entre eles podem ser citados a promoção de alívio do estresse, equilíbrio das energias, ativação do sistema imunológico, atenuação nos episódios de insônia, promoção de equilíbrio hormonal, aceleração do metabolismo, equilíbrio nas sensações de ansiedade, promove a calma e aumenta os estímulos criativos do indivíduo. Tudo isso, permite ao paciente um equilíbrio físico, espiritual e mental, criando um quadro homeostático positivo para o tratamento e o alcance mais efetivo da cura.

Bessa et al. (2017) realizou estudos de análise da eficácia do Reiki dos quadros de dor de 24 pacientes submetidos ao tratamento oncológico com quimioterapia. Os resultados obtidos, apresentam uma redução importante dos níveis de dor pós-tratamento. Observou-se por meio desse ainda, diminuição da pressão arterial, melhora no aspecto psicológico e na qualidade de vida dos pacientes.

Um ensaio clínico idealizado por Ignatti (2018), com um grupo de pacientes oncológicos, composto por 10 mulheres após receberem Reiki, demonstrou a redução dos níveis de dor e do impacto nas atividades gerais, além de melhora na habilidade de andar, nas relações interpessoais e qualidade do sono. Um estudo piloto avaliou ainda, crianças de 7 a 16 anos de idade, em um serviço de cuidados paliativos, submetidas a sessões semanais de Reiki de 24 minutos, observando diminuição do quadro algico de dor, ansiedade frequência cardíaca e respiratória.

Análises bioquímicas foram realizadas na urina de pacientes submetidos à quimioterapia, pré e pós sessão de Reiki, apontando como resultado, a diminuição

significativa nos níveis de Óxido Nítrico (ON). Esse composto está diretamente relacionado com episódios de cefaleia, náuseas e vômitos decorrentes do tratamento quimioterápico (IACOROSI L, et al., 2017).

Friedrich e Uyeda (2019), explanam que o uso da técnica em pacientes oncológicos e submetidos a tratamento quimioterápico, demonstrou eficácia em diversos fatores. Incluindo alívio das dores características do câncer, diminuição da ansiedade e preocupação, melhora da insônia, sensação de paz e relaxamento, implicando em uma melhora na qualidade de vida de modo geral, incluindo os aspectos sociais e emocionais. O Reiki atua como tratamento coadjuvante e complementar, auxiliando na melhora em efeitos secundários causados pela quimioterapia e os transtornos ocasionados pela patologia e pelo tratamento.

Rosada et al. (2015) analisou os benefícios da imposição das mãos em pacientes com câncer avançado. Observou-se por meio desse, uma influência em determinadas dimensões do bem-estar, tais como: calma, relaxamento, paz interior e confiança. Além disso, o mesmo evidenciou diminuição do sofrimento causado pela utilização da quimioterapia após as sessões, bem como a melhora e permanência de humor por um maior período de tempo, atenuando em uma melhor qualidade de vida dos clientes.

Como salienta Spezzia e Spezzia (2019), durante a sessão de Reiki ocorre transmissão de força vital, promovendo equilíbrio concomitantes em níveis físico, mental, energético e emocional. A nível físico por meio do calor advindo da imposição das mãos; a nível mental atuando pelos símbolos do Reiki; em nível emocional por intermédio do amor incondicional e em nível energético pela energia da própria técnica juntamente com o indivíduo iniciado na terapia. Em virtude disso, o paciente oncológico se vê em um estado de completo bem-estar, liberando emoções reprimidas e bloqueios, aprimorando sua consciência corporal e pessoal, promovendo a energização dos mesmos, a fim de suprir as necessidades do corpo e do espírito abalados pelo tratamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os artigos e informações coletadas, o emprego do Reiki mostra-se benéfico e propício para o enfrentamento das situações adversas e consequências

indesejáveis, sejam elas emocionais, físicas, psíquicas e espirituais, vivenciadas pelos indivíduos que fazem uso da quimioterapia como método de tratamento convencional, no combate ao câncer. A técnica demonstra capacidade de minimizar as sensações de desconforto presentes no transcorrer e pós sessões de quimioterapia.

É fato que o Reiki atua melhorando a qualidade de vida dos pacientes, bem como a efetividade e as chances de sucesso nos tratamentos oncológicos. Dado o exposto, observou-se ainda que o Reiki funciona perfeitamente na realidade do câncer e suas particularidades, possibilitando uma alternativa terapêutica, capaz de intensificar a melhora nas manifestações clínicas do indivíduo e nas consequências ocasionadas pela luta.

Considera-se por meio deste, que o Reiki, como técnica Integrativa e Complementar em Saúde (PICS), integrante da Oncologia Integrativa, como prática energética, é realizada e deve ser incentivada, desde que conduzida de modo racional e correto, na associação aos tratamentos tradicionais. Esse, vem a auxiliar e complementar as técnicas convencionais – não o substituindo – contribuindo e amenizando o doloroso processo de cura em si.

INTEGRATIVE ONCOLOGY: REIKI AS ENERGETIC TECHNIQUE FOR ONCOLOGICAL PATIENTS SUBMITTED TO CHEMOTHERAPY TREATMENT.

ABSTRACT: Reiki consists of a curative technique, applied through the laying on of hands, promoting energy balance, necessary to maintain physical and mental well-being. Integrative Oncology is defined as the branch of integrative medicine that makes use of alternative practices, based on scientific evidence, in an integrated manner, with the aim of improving the survival of cancer patients. Aiming at the beneficial nature of Integrative Oncology, as well as the effectiveness of Reiki in restoring health, the various consequences caused by chemotherapy are mitigated through practice.

KEYWORDS: Integrative Oncology. Reiki. Chemotherapy. Cancer. Integrative and Complementary Practices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, J. H. N. et al. 2017. Efecto del Reiki sobre el bienestar subjetivo: estudio experimental. **Enfermería Global**. 16, 4 (oct. 2017), 408-428. DOI:<https://doi.org/10.6018/eglobal.16.4.259141>.

BEULKE, S. L. et. al. Reiki no alívio de sinais e sintomas biopsicoemocionais relacionados à quimioterapia. **Cogitare enferm.** [Internet]. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.56694>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

CORDEIRO, L. R.; SOUZA, A. M. A. **Reiki com profissionais de saúde:** iniciação de uma prática integrativa complementar para mudanças em níveis espiritual, profissional e pessoal. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (org.). *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade IV*. Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 487-499.

DACAL, M. P. O.; SILVA, I. S. Impactos das práticas integrativas e complementares na saúde de pacientes crônicos. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 42, n. 118, p.724-735, set. 2018. Fap. UNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201811815>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

DEMIR, M. et al. Effects of Distant Reiki On Pain, Anxiety and Fatigue in Oncology Patients in Turkey: A Pilot Study. **Asian Pacific Journal of Cancer Prevention**. [s.l.], v. 16, n. 12, p4859-4862, set. 2015. Asian Pacific Organization for Cancer Prevention. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.7314/apjcp.2015.16.12.4859>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FERREIRA, R. S. S. **Reiki:** Uma abordagem do ponto de vista das emoções. 2018. 128 f. Monografia (Pós-graduação) – Ciência das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FREITAG, V. L. et al. **Benefits of Reiki in older individuals with chronic pain.** Texto & Contexto - Enfermagem, [s.l.], v. 23, n. 4, p.1032-1040, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO).

FREITAG, V.L.; ANDRADE, A.; BADKE, M.R. O Reiki como forma terapêutica no cuidado á saúde: uma revisão narrativa da literatura. **Revista electronica trimestral de Enfermaria**, nº38, p.346-356, 2015. Disponível em: < http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt_revision5.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FRIEDRICH, F.; UYEDA, M. **Oncologia integrativa: o que é e como pode beneficiar os pacientes.** o que é e como pode beneficiar os pacientes. 2019. Disponível em: <http://revistamedicinaintegrativa.com/oncologia-integrativa-o-que-e-e-como-pode-beneficiar-os-pacientes/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

GOHARA, L. F. C. et al. **Reiki como uma proposta de tratamento para Fibromialgia:** Estudo Piloto. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 8., 2013, Maringá. Reiki como uma Proposta de Tratamento para Fibromialgia. Maringá. 2013. p. 1 - 4.

GUIMARÃES, V. H. D. et al. Terapia complementar de reiki nos fatores associados à qualidade de vida em pacientes diagnosticados com câncer: uma revisão sistemática. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.L.], v. 12, n. 12, p. 14-28, 27 ago. 2020. Revista Eletronica Acervo Saude. <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e3797.2020>.

IACOROSSO L, et al. The impact of Reiki on side effects in patients with head-neck neoplasia undergoing radiotherapy: a pilot study. **Professioni infermieristiche**. 2017;70(3):214-21.

IGNATTI, C. Resultados parciais da aplicação de toque terapêutico em portadores de dores crônicas/Partial results of therapeutic touch application in chronic pain carriers. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 1, n. 1, p. 193-200, 2018

INCA, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil** / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. – Rio de Janeiro: INCA, 2019. Disponível em: <nca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

INCA, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Tratamento do Câncer**. 2018. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tratamento/quimioterapia>. Acesso em: 13 mar. 2020.

KALIKS, R. **Oncologia**. 2011. Disponível em: <https://www.einstein.br/especialidades/oncologia/exames-tratamentos/quimioterapia>. Acesso em: 13 mar. 2020.

LIMA, P. T. R. **Medicina Integrativa**. 2015. Disponível em: <https://www.einstein.br/especialidades/oncologia/conheca-oncologia-einstein/medicina-integrativa>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MAGALHÃES, J. **Centro de Cuidados Complementares Valida Resultados de Terapia de Toque**. 2012. Disponível em: <<http://www.associacaoportuguesadereiki.com/reiki/reiki-em-portugal/2012/12/30/centro-de-cuidados-complementares-valida-resultados-de-terapias-de-toque/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MAGALHÃES, J. **O Grande Livro do Reiki: Manual Prático e Atualizado sobre a Arte da Cura**. Portugal: Nascente, 2015. 38 p.

MAGRI, A J et al. **Reiki no Tratamento Integrativo do Câncer de Pulmão**. 2017. 13 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, 2017.

MOREIRA, L.K. **Risco fatores de para o câncer de pulmão**. Faculdade Alfredo Nasser. 2017. Disponível em: <<http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/RISCO%20FATORES%20DE%20PARA%20O%20C%203%82NCER%20DE%20PULM%20C3%83O.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2020.

ONCOGUIA. **Medicina Integrativa**. 2013. Disponível em: <http://www.oncoguia.org.br/conteudo/medicina-integrativa/2701/26/>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ROSADA, R. M. et al. Reiki reduces burnout among community mental health clinicians. **The Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 21, n. 8, p. 489-495, 2015.

SIEGEL, P.; BARROS, N. F. O que é a Oncologia Integrativa? **Cadernos Saúde Cole-**

tiva, [s.l.], v. 21, n. 3, p.348-354, set. 2013. FapUNIFESP (SciELO). Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1414-462x2013000300018>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SILVA, J.M.C.; SOUSA, P.P. Estratégias para el autocuidado de las personas con cáncer que reciben quimioterapia/ radioterapia y su relación con el bienestar. **Enferm. Glob.** 2015. v.4. n.1. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/view/eglobal.14.1.206591/169981>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SOARES, C. et. al. A Quimioterapia e seus efeitos adversos: relato de clientes oncológicos. **Cogitare Enfer.** Vol. 14. n. 4. 2009, pp. 714-719. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648977019.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUSA, I. M. C. et. al. Práticas integrativas e complementares: oferta e produção de atendimentos no SUS e em municípios selecionados. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 28, n. 11, p.2143-2154, nov. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2012001100014>.

SMITH, P. J. Why do some cancer patients receiving chemotherapy choose to take complementary and alternative medicines and what are the risks? **Asia-pacific Journal Of Clinical Oncology**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.1-10, 5 ago. 2013. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/ajco.12115>.

SPEZZIA, S.; SPEZZIA, S. O uso do Reiki na assistência à saúde e no Sistema Único de Saúde. **Rev. Saúde Públ.** 2018 Jul.;1(1):108-115. Disponível em: <<http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/49/20>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

TELESI JÚNIOR, E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 30, n. 86, p.99-112, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.00100007>>. Acesso em: 13 mar de 2020.

VANNUCCI, L. **Efeitos do Reiki sobre a viabilidade celular e a atividade da mieloperoxidase de neutrófilos humanos *in vitro***: estudo experimental. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) - São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. 2017.

VIEIRA, T C. **O Reiki nas práticas de cuidado de profissionais do Sistema Único de Saúde**. 2017. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TORRES, J. O. **A importância do farmacêutico clínico no tratamento do câncer prostático**. 2016. 34 f. Monografia (Pós-Graduação) – Curso de Farmácia, Faculdade Inesp, Recife, 2016.